

# “Empreender para alcançar o mundo”?! A reforma do Ensino Médio e o Ensino Técnico Integral

Maria Clara Pereira dos Santos<sup>1</sup>

*Recebido em março de 2022*

*Aceito em junho de 2022*

## RESUMO

O presente artigo apresenta análises acerca da reforma do Ensino Médio Técnico Integral, em especial a implementação do curso de empreendedorismo, sob o olhar dos discentes de uma escola estadual do Estado do Rio de Janeiro, sendo, portanto, um estudo de caso. Os instrumentos metodológicos utilizados para a coleta de dados foram: a revisão da literatura sobre o assunto, a observação participante do ambiente escolar e as entrevistas semiestruturadas junto aos discentes matriculados. Para a revisão bibliográfica foi levado em consideração a conjuntura política em que a reforma foi aprovada, bem como as demandas do capitalismo e a lógica neoliberal, a partir das contribuições de Foucault (2008) e Harvey (2008). A coleta dos dados possibilitou verificar, o perfil socioeconômico dos jovens, seu ponto de vista sobre o novo modelo implementado e as perspectivas futuras com a conclusão do Ensino Médio. Constatou-se as influências da internalização do neoliberalismo na formação dos discentes com base nos estudos de Dardot e Laval (2016). Assim, este estudo se insere no campo da Sociologia da Educação e visa contribuir para uma reflexão sobre os desafios do Ensino Médio, no que se refere à sua intencionalidade, se tecnicista ou propedêutica, no contexto do mundo do trabalho e as dominações de classe.

**Palavras-chave:** Ensino Médio; Empreendedorismo; Educação; Neoliberalismo.

## “Undertaking to reach the world”?! High school reform and comprehensive technical education

## ABSTRACT

This article presents analyzes about the reform of the Integral Technical High School, in particular the implementation of the entrepreneurship course, under the eyes of the students of a state school in the State of Rio de Janeiro, being, therefore, a case study. The methodological instruments used for data collection were: literature review on the subject, participant observation of the school environment and semi-structured interviews with enrolled students. For the bibliographic review, the political situation in which the reform was approved was taken into account, as well as the demands of capitalism and neoliberal logic, based on the contributions of Foucault (2008) and Harvey (2008). Data collection made it possible to verify the socioeconomic profile of young people, their point of view on the new model implemented and future perspectives with the completion of high school. The influences of the internalization of neoliberalism in the formation of students were verified based on the studies of Dardot and Laval (2016). Thus, this study is part of the field of Sociology of Education and aims to contribute to a reflection on the challenges of High School, with regard to its intentionality, whether technical or propaedeutic, in the context of the world of work and class domination.

**Keywords:** High School; Entrepreneurship; Education; Neoliberalism.

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia Política pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP) da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: mclaraop@gmail.com.

## Introdução

Este artigo visa apresentar um recorte de uma pesquisa mais ampla<sup>2</sup> que buscou compreender como o novo Ensino Médio Técnico e Integral, que é uma política educacional de Estado, está sendo implementado. Para essa investigação, optou-se por realizar um estudo de caso sobre a implementação do Ensino Técnico em Administração com ênfase em Empreendedorismo, ofertado em um Colégio do Estado do Rio de Janeiro, a partir da perspectiva dos discentes matriculados. Para a coleta de dados utilizou-se alguns instrumentos metodológicos, como: a revisão da literatura sobre o assunto, a observação participante do ambiente escolar e as entrevistas semiestruturadas junto aos discentes matriculados. Neste último caso, buscou-se compreender as expectativas dos discentes frente ao curso e à sua formação, bem como conhecer o perfil socioeconômico deles, entre outros aspectos.

Uma pesquisa desta natureza se justifica, pois o Ensino Médio no Brasil sempre foi alvo, desde a sua criação, de grandes disputas ideológicas e mudanças ao longo da sua história principalmente por ser a última etapa da educação básica, muitas vezes associado à profissionalização, seja para o acesso ao ensino superior ou para o mercado de trabalho. Diante das demandas do capitalismo, a educação sempre esteve atrelada ao trabalho, podendo significar uma estratégia das classes dominantes para se perpetuarem no poder. Com isso, surgiram as propostas de educação propedêutica<sup>3</sup> e profissional que passam a definir os rumos do Ensino Médio brasileiro, sendo a primeira associada aos conhecimentos específicos e científicos e a segunda apresenta caráter técnico com preparação para o mercado de trabalho, conforme aponta Manoel Nascimento (2007). A

---

<sup>2</sup> SANTOS, Maria Clara Pereira dos. **Uma análise da implementação do novo ensino médio integral com curso técnico em administração com ênfase em empreendedorismo em um colégio estadual em Campos dos Goytacazes/RJ**. Trabalho Final de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, 2019. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/24077>> Acesso em: 23.jun.2022.

<sup>3</sup> Segundo Menezes (2001), refere-se a uma educação iniciadora para uma especialização posterior. Disponível em: <<https://www.educabrasil.com.br/educacao-propedeutica/>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

gênese do ensino voltado na preparação para o trabalho encontra-se no modelo de escola técnica, que surgiu no início do século passado.

Esse debate a respeito da finalidade do Ensino Médio acompanha o histórico desse nível de ensino ao longo do último século e perpassa as reformas existentes, como as primeiras propostas de ensino integral que surgiram nos anos de 1960 que defendiam um currículo tecnicista e que tinha por objetivo salvaguardar os domínios do capital. Segundo Marine Ramos e Gaudêncio Frigotto (2017), ao final dos anos de 1970 e início dos de 1980 surgem forças políticas em defesa da escola pública, gratuita e unitária, que tentavam assegurar os direitos das classes dos trabalhadores e de seus filhos. No ano de 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBDEN - Lei nº 9394) regulamentou o capítulo da educação da Constituição Federal de 1988, nesse ínterim novos caminhos foram traçados para o Ensino Médio.

Os movimentos de contrarreforma em defesa da educação não foram suficientes para conter a forte onda neoliberal que se alavancou no país nos anos de 1990, influenciando diretamente o campo educacional. Com isso, novas formas de implementar o ensino integral foram realizadas como a reestruturação das escolas técnicas, que passaram a ser denominadas, mais tarde, como Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, mas que não acabou com o ensino médio, denominado geral, oferecido em apenas um turno.

Na contemporaneidade, o país passou a viver uma crise econômica que afetou todos os âmbitos, inclusive a educação. O propalado “golpe” de 2016, que retirou a Presidente Dilma Rousseff do poder, desencadeou uma série de reformas que foram aprovadas no país, como a trabalhista e a da previdência, no governo do Presidente Michel Temer.

Nesse cenário também foi aprovada a reforma do Ensino Médio, por meio da Lei Nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, que, além de outras providências, instituiu a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, alterando, assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Com a proposta de maior flexibilidade, a implementação dessa Lei definiu uma nova organização escolar à partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na expectativa de oferta de diferentes possibilidades na escola, nas seguintes áreas de conhecimento:

ciências da natureza, ciências humanas, matemática e linguagens, além da formação técnica e profissional.

Nesse sentido, é importante enfatizar os argumentos de Shirlei Correa e Sandra Garcia (2018), que alegam que a proposta aprovada não levou em consideração as demandas dos principais interessados em pensar o Ensino Médio no Brasil, como os intelectuais da academia, os fóruns estaduais e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), bem como os próprios estudantes secundaristas, que, durante o período da reforma ocuparam diversas escolas no país e se manifestaram contra as propostas de mudanças. Sendo assim, as autoras consideram esta reforma como impositiva, antidemocrática e sem diálogos com os maiores interessados nas questões educacionais.

Esse é o contexto em que a pesquisa se insere e, com base nessas colocações, o artigo apresentará, a seguir, a metodologia utilizada, bem como o seu aporte teórico. Em seguida, serão apresentados os resultados obtidos. Também serão utilizadas imagens que ilustram o que foi encontrado na observação. Por fim, nas considerações finais são resgatadas as análises e apresentadas, as limitações da pesquisa e as projeções de trabalhos futuros, acerca da temática em questão.

### **Aporte teórico-metodológico**

A pesquisa se configura como uma investigação empírica que se caracteriza por um estudo de caso e pela utilização do método qualitativo. Para a sua realização foi levantado e revisado um referencial teórico acerca da temática proposta, que serviu para a análise da conjuntura da pesquisa, bem como para elucidar os dados obtidos. A coleta de dados, ainda, ocorreu a partir de entrevistas e por meio da observação participante do ambiente escolar e das aulas do curso técnico oferecido, uma vez que a pesquisa propôs analisar, após a reforma do Ensino Médio, a implementação de um curso técnico integral, a partir da perspectiva discente de um Colégio na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ.

Como aporte teórico, no sentido de compreender o neoliberalismo em uma perspectiva ampla, dois pensadores importantes foram utilizados: David Harvey (2008)

e Michel Foucault (2008), que utilizam métodos diferentes de análise, o primeiro segue as influências do marxismo e o segundo tem como base a genealogia do poder, mas ambos contribuem para pensar a lógica neoliberal mundial. Harvey (2008) alega que o neoliberalismo se consolidou no mundo a partir de ideias sedutoras, como a da liberdade individual e da dignidade humana que, assim, foram difundidas no globo para neutralizar os efeitos do contexto pós-guerra. A preocupação do autor se concentra na classe trabalhadora, que diante da disseminação do neoliberalismo no globo perde a sua força devido o individualismo que esta política de mercado opera na vida das pessoas.

Por sua vez, Foucault (2008) aponta a governamentalidade neoliberal, que ocorre por meio da conduta e da lógica concorrencial, onde os indivíduos passam a se comportar como empresários de si mesmos, tornando-se, assim, um capital humano. O autor preocupa-se com a forma como o homem, dentro desta lógica, busca sucesso por meio de sua experiência vivida e isso auxilia a pensar a subjetividade dos indivíduos.

Os autores Luc Boltanski e Éve Chiapello (2009) contribuem para analisar como o neoliberalismo se integra às demandas do novo capitalismo, à partir do discurso empreendedor que perpassa os indivíduos. Segundo os autores, o espírito do capitalismo tem três pilares: o progresso material, modo de organização associado aos regimes liberais e satisfação das necessidades e se desdobra sob diferentes momentos históricos.

Sobre a influência do neoliberalismo diretamente nas subjetividades, a pesquisa conta com as contribuições de Pierre Dardot e Christian Laval (2016) que, a partir das ideias de Foucault (2008), apresentam a nova razão do mundo, que é a norma de vida imposta pelo neoliberalismo, que afeta a vida política, econômica, social e subjetiva dos indivíduos e, com isso, determina as relações sociais, bem como as políticas educacionais de um país.

Acerca da influência do neoliberalismo na educação, Laval (2009) reflete, a partir de seus estudos sobre as escolas francesas, como esse modelo econômico está presente na lógica educacional onde, segundo o autor, o mundo das empresas já se confunde com o mundo das escolas. Levando em consideração as contribuições de pesquisas que analisam o ambiente escolar brasileiro, Sylvio de Sousa Gadelha Costa (2009) faz apontamentos acerca da governança neoliberal no ambiente escolar.

O autor chama a atenção para a internalização de capital humano que influencia os indivíduos a se comportarem como microempresas, o que leva a contribuir para um indivíduo proativo, inovador e flexível, como também aponta Richard Sennett (1999) ao enfatizar a corrosão do caráter dos homens. Essas influências e características acabam deturpando a ideia de cidadania e ocasionam uma cidadania sacrificial, como aponta Wendy Brown (2018), onde o indivíduo passa a se responsabilizar pelas falhas do Estado o que contribui para prejudicar a noção acerca dos direitos e deslegitima as organizações populares.

Tendo em vista que o empreendedorismo surge no Brasil juntamente com as reformas neoliberais, a pesquisa conta ainda com as contribuições de Vanessa Dias (2018), que alega que introduzir o empreendedorismo na educação foi estratégico frente às crises econômicas que o Brasil vivenciou nos anos de 1980 e, desde então, se tornou uma alternativa para combater o desemprego. Com isso, nota-se que, levando em consideração a conjuntura política atual, o empreendedorismo segue sendo uma estratégia no ambiente escolar utilizada a fim de direcionar a mão de obra flexível para o mundo do trabalho.

O instrumento de coleta de dados e da observação participante proporcionou conhecer o ambiente escolar, as aulas de empreendedorismo e as atividades extraclasse do curso investigado. O acesso ao Colégio e aos discentes foi possibilitado pela inserção da pesquisadora como bolsista do Programa de Residência Pedagógica (PIRP).<sup>4</sup> Durante a realização da pesquisa houve o acompanhamento de quatro turmas de 1º ano (1001, 1002, 1003 e 1004), totalizando 127 alunos sendo estes os primeiros alunos matriculados no curso para o ano de 2019.

Além da observação participante, a pesquisa contou com as entrevistas com uma amostra de 14 participantes. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado e foram divididas em três eixos: perfil socioeconômico, percepção dos alunos acerca do curso oferecido e perspectivas futuras. Para atender aos objetivos da pesquisa, foram analisadas, primeiramente, as condições socioeconômicas dos jovens,

---

<sup>4</sup> O Programa integra a Política Nacional de Formação de Professores, que é um projeto de extensão com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES).

considerando que existem diferentes juventudes<sup>5</sup>. Dessa forma, os jovens foram questionados acerca da sua autodeclaração racial e essas informações foram comparadas com os índices percentuais da cidade de Campos dos Goytacazes e do Estado, onde a pesquisa foi realizada. Ainda sobre a raça, foi observada uma certa dificuldade no processo de autodeclaração dos jovens, tendo em vista a construção da formação política e social do Brasil, cujas bases se fundam na desigualdade do racismo estrutural.

Para compreender o pertencimento de classe dos entrevistados, lançou-se mão da análise da escolaridade de seus responsáveis e suas respectivas profissões, uma vez que poucos entrevistados sabiam responder sobre a renda per capita da família. Dessa forma, as profissões dos responsáveis foram classificadas entre formais e informais. Além disso, o alto índice de desemprego foi levado em consideração. Dentre as profissões, as com maior remuneração foram: professor de nível básico, policial e enfermeira. Os dados acerca da raça e da classe são mais bem desenvolvidos e aprofundados em Santos (2019).

Os demais eixos temáticos abordaram as influências do neoliberalismo no ambiente escolar e a percepção dos discentes sobre a reforma do Ensino Médio. Nestes dois eixos houve atenção especial na internalização do neoliberalismo nas falas dos jovens, isso justifica a escolha do método das entrevistas. Levou-se em consideração alguns requisitos, tais como: a avaliação dos jovens sobre a escola, a opinião dos entrevistados sobre o novo modelo de ensino médio implementado e, por último, o conhecimento deles acerca do empreendedorismo. Por fim, são apresentadas algumas perspectivas futuras dos jovens no que se refere a vida profissional após a formação. Assim, a partir deste arcabouço teórico, a pesquisa buscou contribuir para a análise da implementação da reforma do ensino médio no colégio em estudo.

---

<sup>5</sup> A pesquisa leva em consideração o termo juventudes no plural, uma vez que este debate cai no senso comum quando é tratado de maneira homogênea. Segundo Brenner, Dayrell e Carrano (2008), essa homogeneidade não ocorre devido à diversidade de jovens associados a diferentes bases socioeconômicas, que possibilitam diferentes acessos e experimentos.

### **“Foco, força de vontade, atenção e muita fé”: a implementação do curso técnico em empreendedorismo sob o ponto de vista do(as) alunos(as)**

A escola alvo desta pesquisa, algumas vezes chamado de colégio, iniciou o ano letivo de 2019 de “cara nova”, com uma nova pintura na cor azul e com cartazes e placas, espalhadas pela escola e na portaria, convidando a comunidade escolar a matricular seus filhos no Novo Ensino Médio profissionalizante em empreendedorismo. Um destes cartazes continha os dizeres: “Seja empreendedor! Prepara-se para o mercado de trabalho”. Além disso, uma faixa foi colocada na porta da escola com os dizeres: “Empreender para alcançar o mundo”. Todo esse cenário fez com que alguns questionamentos acerca da influência do neoliberalismo na formação de jovens viessem à tona, uma vez que o Estado do Rio de Janeiro, possivelmente, passa a acreditar no empreendedorismo como saída para a formação educacional o que reforça, mais uma vez, o caráter técnico que o Ensino Médio carrega, o que é revelado em seu histórico, bem como a influência da educação voltada para os domínios do capital.

No que se refere ao perfil dos jovens que foram entrevistados, a idade média era de 16 anos, e a maioria residia no bairro da escola ou em bairros vizinhos. Nota-se que a escola está localizada, aproximadamente, a três quilômetros da região central, em um bairro onde coexistem classes sociais distintas, com pequenos comércios e várias residências, desde casas visualmente bem estruturadas a casas simples, com construções ainda sem finalização. Ademais, vale destacar, a presença de uma “Comunidade” a duas quadras do Colégio que, também, é vista como “Favela” por alguns moradores da cidade, onde residiam considerável parte dos entrevistados.

Acerca do perfil socioeconômico, no que se refere ao perfil racial, a maioria dos entrevistados se autodeclararam negros, totalizando 85% da amostra. Sobre a classe social dos entrevistados, foram considerados de classes baixas, tendo em vista que os seus responsáveis tinham baixo nível de escolaridade e ocupavam cargos de baixa remuneração. Assim, vale pensar como a política do ensino médio tem sido oferecida para as classes dominadas e, ainda, como o empreendedorismo, enquanto estratégia para o mercado de trabalho, se insere em um contexto em que a informalidade só cresce no Brasil. Esse último cenário compõe o novo proletariado de serviços, denominado por



Ricardo Antunes (2020) quando descreve a forma como os trabalhadores estão inseridos na informalidade e como isso contribuiu para a retirada dos direitos deles.

Levando em consideração o perfil dos jovens entrevistados, foi possível perceber a influência do neoliberalismo no ambiente escolar por meio das falas proferidas pelos alunos nas entrevistas, bem como nas atividades do curso técnico oferecido, que serão descritas ao longo do texto.

Com base nas contribuições de Harvey (2008), o neoliberalismo se configura enquanto política econômica vinculada ao mercado, que associa o Estado às grandes empresas como forma de organizar a sociedade a partir de um bem-estar humano. Ele opera ainda enquanto ideologia que afeta diretamente as subjetividades dos indivíduos, modificando suas condutas e maneiras de se mostrar ao mundo afetando, assim, as relações sociais, como mostra Foucault (2008).

Dessa maneira, o neoliberalismo influencia o campo educacional, uma vez que os grupos dominantes foram os atores principais para difundir esta política no mundo. Segundo Harvey (2008), impuseram a todas as instituições a ordem de mercado, inclusive às escolas. Foucault (2008), por sua vez, destaca como os indivíduos, influenciados pela ordem neoliberal, se transformam em capital humano, buscando na economia a sua experiência própria, o que reverbera em todos os âmbitos da vida, inclusive o educacional.

Desse modo, a partir dos questionamentos feitos aos alunos sobre a socialização escolar, foi possível perceber a internalização de normas e condutas neoliberais apresentadas por Dardot e Laval (2016), influenciados pelas ideias de Foucault (2008), que a partir da subjetividade neoliberal internalizada faz com que as pessoas busquem sucesso individual a partir do discurso, bem como nas atividades realizadas pelo curso técnico oferecido.

Isso é notado quando os entrevistados são indagados a acerca da experiência de estudar na escola. Como, por exemplo, a fala da aluna Aruana, de 17 anos: “O ensino é bom. Basta você querer se esforçar e se dedicar ao estudo porque é bom”. Dessa maneira, podemos perceber a subjetividade neoliberal, termo cunhado por Dardot e Laval (2016), advindas de uma “*política de moldura*” como sugere Foucault (2008), que tem por

objetivo orientar as condutas dos indivíduos para que passem a agir para o funcionamento do mercado.

O discurso advindo da internalização neoliberal está presente no ambiente escolar, como foi observado, também, por Mayara Lima (2019) em pesquisa realizada em uma escola no mesmo município. A autora analisa a construção da subjetividade neoliberal dos estudantes e observou que “o esforço próprio e a determinação são apresentadas como maiores responsáveis pelo sucesso futuro para os discentes” (LIMA, 2019, p. 34). Assim, podemos notar que muitos alunos acreditam que para ter sucesso escolar só depende deles, tornando-se assim seus próprios investidores, como mostra Foucault (2008), quando alega que o indivíduo passa a ser um “*homo economicus*” responsável pelo seu próprio cálculo tornando, assim, um empresário de si.

Sobre o Curso Técnico de Empreendedorismo, objeto deste estudo, foram observadas características da lógica neoliberal como a concorrência e a competição. Essas características foram observadas na “I Feira de Empreendedorismo”<sup>6</sup>, ilustrada na Figura 1. A Feira foi organizada por professores e alunos. Cada turma, denominada como equipe, ficou responsável por organizar e construir uma barraca de vendas como, por exemplo: brechó, açaí, picolé, cachorro-quente, bolo, entre outros.

**Figura 1 - Barracas da I Feira do Empreendedorismo do CEJOPA**



Fonte: A autora.

<sup>6</sup> A I Feira de Empreendedorismo aconteceu na quadra da escola no turno da manhã. Ocorreu como atividade avaliativa e atribuição de nota para os discentes do Curso Técnico em Empreendedorismo.

Desse modo, foi questionado aos alunos sobre a experiência da participação na Feira. Foram encontradas respostas que vão de encontro com o que Laval (2004) alega, quando diz que um dos objetivos da escola neoliberal é formar capital humano com interesses para o mercado de trabalho. Nesse sentido, além de enfatizar o caráter profissional que a etapa do Ensino Médio está inserida, como aponta Nascimento (2007), reforça o que Costa (2009) observa em seu trabalho, quando analisa a cultura do empreendedorismo na escola, a partir de uma subjetividade que transforma os sujeitos em microempresas. A fim de compreender a organização da Feira realizada no Colégio, destaca-se as falas de dois discentes entrevistados:

Sinceramente, quando acabou a feira eu dei graças a deus, porque estava sendo muita pressão na nossa cabeça, estava dando vontade de surtar e se jogar pela janela. Muita pressão, aí ficava todo mundo: Não é porque vocês tem que fazer isso, aquilo. Beleza! A feira foi um teste, a gente não podia pedir dinheiro grande pro pessoal da sala. Eu como representante pedi 2,50 de cada um e falei que ia devolver o dinheiro. Aí a gente investiu compramos as coisas. Nós conseguimos uma parceria com um cara que vende picolé também, ai caso a gente conseguisse vender tudo ele seria certo e pagaria depois, e caso tivesse tudo ok ele pegava de volta. Aí a gente fez açai também, aí deu um problema que o liquidificador estragou e o açai acabou também. Aí eu tive que ir ao centro duas vezes comprar e fui de bike (Rudá, 16 anos, 1003).

Quando a gente começou e a professora falou a gente pensou que não ia dar certo, aí chegou o dia, organização zero, pesquisa de preço zero, ninguém tinha feito nada. Todo mundo comprou alguma coisa de cada achando que não ia vender nada. Quando chegou na hora tudo saiu assim (fez sinal de rápido com a mão). Aí a organização que a gente precisava teve que fazer ali na hora, faltou organização, mas deu tudo certo (Maiara, 16 anos, 1003).

Levando em consideração essas falas, observa-se como o curso técnico prepara os discentes para o mercado de trabalho, mostrando-se em consonância com as novas demandas do capitalismo, que são explicitadas por Boltanski e Chiapello (2009). Os autores mostram como o capitalismo se modifica ao longo da história e se torna um espírito que abarca desde o dono de fábrica e com o passar se adapta às novas demandas do capital como dos empresários executivos. Na contemporaneidade tem-se o capitalista neoliberal que é tomado pelo discurso empreendedor.

Espera-se, nesse caso, que os indivíduos passem a utilizar o discurso do empreendedorismo como modo de vida, a partir de uma ordem empresarial mesmo que

esta não seja suficiente para abarcar toda a sociedade e suas diferentes classes. Nesse sentido, é possível compreender, segundo Boltanski e Chiapello (2009), que o capitalismo vai além da busca pelos lucros e pretende, também, contribuir para a justificação moral que dá lugar ao discurso do esforço. Isso é observado nas falas dos estudantes quando se organizam enquanto empresa em equipes.

Nessa lógica, segundo Costa (2009), os indivíduos acabam por internalizar certas características próprias da lógica neoliberal como “proativos, inovadores, inventivos, flexíveis, com senso de oportunidade e com notável capacidade de promover mudanças” (COSTA, 2009, p.181). Essas características são percebidas na fala da entrevistada Maiara, quando diz sobre a forma como se organizaram na hora para a Feira e, ainda, na fala de Rudá, que demonstra flexibilidade.

A flexibilidade é debatida por Sennett (1999), que ao analisar a corrosão do caráter do homem, aponta como a flexibilização do trabalho quebra a rotina do trabalho formal e proporciona o trabalho informal, onde o trabalhador passa a ser seu próprio investidor. Lógica que contribui para a reestruturação do capitalismo, onde as instituições se tornam mais flexíveis, criando formas de poder e controle.

Vale destacar que a coletividade chama a atenção nessas análises, uma vez que os jovens se unem em equipes para competir, pois ao final do evento elege-se qual barraca de vendas obteve mais sucesso e lucro. Assim, esse comportamento encontra ressonância ao que destaca Costa (2009), quando diz que a competitividade, à partir da coletividade, é importante para a lógica do empreendedorismo se perpetuar, uma vez que, através do discurso pautado na coletividade e do espírito de parceria, enquanto, em contraposto, é praticado de forma individualizada, onde cada um precisa gerenciar seu próprio negócio.

Isso ocorre devido à consolidação do neoliberalismo no mundo, bem como na América Latina e no Brasil, uma vez que, segundo Harvey (2008), foi a partir das ideias de liberdade individual e de dignidade humana que o projeto neoliberal se espalhou pelo globo. Segundo o pensador, essa estratégia tem caráter hegemônico, uma vez que reforça a dominação de classe e afeta o modo de pensar dos indivíduos, bem como as maneiras de viver e compreender o mundo. Como consequência disso, o autor se preocupa com a organização da classe trabalhadora que passa a perder a união e pertencimento de classe.

Aliado a esse cenário, foi observado na sala de aula uma nova disposição das carteiras. Os alunos passaram a sentar-se em uma mesa redonda, em grupos de 3 a 5 e, com isso, foi possível observar como esse novo modelo foi capaz de proporcionar momentos de competição entre os discentes, mas, também, de solidariedade entre eles, pois se ajudam com as disciplinas. Como pode ser percebido à partir da fala abaixo:

Porque assim a gente compartilha conhecimento a gente estuda em grupo. Eu acho assim, quando eu aprendo alguma coisa eu não gosto de guardar só para mim. Tipo meu amigo tá com dificuldade aí eu vou lá e não fico quieta eu vou lá e ajudo ele porque assim eu aprendo duas vezes, por isso eu gosto muito de ficar em grupo (Nina, 15 anos, 1001).

Ressalta-se que as mudanças como estas podem contribuir para o ambiente escolar, tendo em vista que ele tem um histórico normatizador e docilizador de corpos, como mostra Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*<sup>7</sup>, quando questiona os sistemas educacionais rígidos, que não permitem uma boa transferência de professor e aluno. Portanto, a coletividade dentro dos moldes do neoliberalismo deve ser elaborada de maneira que enfatize a ajuda mútua dos discentes, que enfatize uma educação questionadora e conscientizadora, e não uma educação voltada apenas para o mercado de trabalho. Como aborda Carolina Catini (2019), “introduzir empreendedorismo no trabalho educativo é a solução para ensinar pela prática que é natural aderir à competitividade para poder sobreviver: um ótimo método para a pacificação social via assimilação individual ideológica” (CATINI, 2019, p.37).

É importante salientar que, acerca da reforma do Ensino Médio, é essencial ouvir a opinião dos alunos sobre isso, tendo em vista que, como apontam Correa e Garcia (2019), a reforma foi aprovada de maneira impositiva e antidemocrática, desconsiderando os principais movimentos que têm como pauta o Ensino Médio no Brasil, bem como os estudantes secundaristas. Dessa maneira, vale destacar a fala de um aluno quando manifesta a sua opinião sobre o novo ensino médio e o fato de estudar em tempo integral:

---

<sup>7</sup>Obra publicada em 1975 que examina mecanismos sociais e teóricos que motivam mudanças nos sistemas penais ocidentais durante a era moderna, a partir de uma análise de vigilância e punição que se encontra em algumas instituições como hospitais, prisões e escolas.

O novo ensino médio é bom. Mas o tempo mata, até você se acostumar também. Eu também não tenho muita noção do curso porque agora a gente está sem professor de empreendedorismo, que é o principal do curso e não tem professor (Pedro, 15 anos, 1001).

Esse e vários outros alunos reclamam da falta de professores, que são fundamentais para o funcionamento do curso técnico. Nota-se que, durante o período da observação participante, foi verificado que a professora que ministrava a disciplina de Empreendedorismo estava de licença. Mas o que chamou a atenção foi a falta de um professor para substituí-la, tendo em vista que o curso é voltado para tal temática.

Segundo Dantas (2019), as reformas educacionais estão sendo pensadas por reformadores empresariais da educação que defendem seus interesses para pensar a realidade do ensino público. Assim, “não consideram as condições concretas de realização das atividades pedagógicas, tais como a infraestrutura das escolas e as condições de trabalho dos professores” (DANTAS, 2019, p.108). Isso pode explicar a falta de professores para serem substituídos e vários outros problemas estruturais que a escola pública enfrenta.

Além das queixas da falta de professores, os alunos questionam o aumento da carga horária aliada à estrutura da escola, alegando que ficam cansados e que a escola não tem um chuveiro, por exemplo, para tomarem banho para permanecerem no local por tanto tempo. Em contrapartida, quando questionados sobre o que estão achando do curso oferecido, a maioria dos alunos acredita ser uma oportunidade, como apontado por Pedro, de 15 anos, da turma 1001, que diz: “É uma oportunidade, porque tem muitos cursos aí hoje em dia que as pessoas podem fazer pagando e esse tá indo de graça pra gente, é uma oportunidade”.

Essa fala revela que não é levado em consideração que os brasileiros pagam impostos para ter acesso a uma educação pública, gratuita e de qualidade. Salienta-se assim, a importância do conhecimento acerca dos direitos que, muitas vezes, a população não tem acesso, devido à responsabilização que os indivíduos internalizam frente à governança neoliberal.

Desse modo, Brown (2019) aponta que essa responsabilização acontece por meio de uma sobrecarga moral, que as pessoas adquirem devido aos investimentos que fazem em si próprias. Segundo essa autora, a “responsabilização assinala um regime no qual a capacidade humana singular de se responsabilizar torna-se um modo de administrar o sujeito, um processo no qual estes são refeitos e reorientados pela ordem neoliberal e através do qual sua conduta é mensurada” (BROWN, 2019, p.39).

Além disso, como destaca Brown (2019), essa responsabilização vem acompanhada de uma culpabilização e os indivíduos são duplamente responsabilizados, “espera-se que cuidem de si mesmos (e são culpabilizados por seu próprio fracasso em prosperar) e do bem-estar econômico (e são culpabilizados pelo fracasso da economia em prosperar)” (BROWN, 2019, p.40). Desse modo, quando o aluno relata que o curso é uma oportunidade, liga-se ao que Brown (2019) diz acerca da culpabilização que os sujeitos acabam adquirindo até pelas falhas do Estado. Isso fica perceptível ao observar as respostas de dois outros alunos, quando questionados sobre o que estão achando do Curso Técnico oferecido:

Assim pra mim falando no dia a dia é muito complicado, mas em geral eu acho que é bom porque muitos adolescentes não querem nada com nada e assim com isso eles são obrigados eu acho bom (Iara, 16 anos, 1004).

Ah é uma boa para jovens que não tem o que fazer a tarde isso é uma boa ficar aqui estudando um monte de palhaçada (Moacir, 16 anos, 1002).

Assim, pode-se dizer que os relatos dos referidos alunos, no tocante a acreditarem que os adolescentes “não querem nada com nada” ou que são jovens “que não tem o que fazer”, vai de encontro com as abordagens de Brown (2019), visto que se culpabilizam por achar que “não querem nada” ou “não tem o que fazer” como se fosse uma responsabilidade deles e não refletem que é função do Estado, por meio da educação, assegurar políticas e amparos para a juventude brasileira e, principalmente, porque estão numa faixa etária em que devem estar na escola e interessados pelo que estudam.

Vale destacar, também, que o curso oferecido é a única opção que o estado do Rio de Janeiro oferece, dessa maneira é uma oportunidade única. Tendo em vista as

práticas neoliberais da conjuntura ultraconservadora, essa oportunidade pode ser vista como de caráter impositivo. Em contrapartida, um dos alunos entrevistados leva em consideração outros pontos de vista acerca do curso:

Eu tô gostando e tal, as matérias são interessantes e tal, mas só que essa questão do curso eu não sou tão a fim não, porque eu acho que é meio não tem nada a ver comigo e eu acho que de certa forma **romantiza o desemprego**. Lógico que a gente tem que **inovar** sempre, porque hoje em dia tem muitas pessoas trabalhando em áreas que não se trabalhava. **Mas eu não quero ser um empreendedor e vender água e ganhar dinheiro com isso não. Não! eu quero fazer minha faculdade e me formar no que eu quero, minha vida.** Lógico que infelizmente o capitalismo te obriga a viver por dinheiro e fazer coisas que não é tanto sua cara, infelizmente isso. Mas esse lance do curso eu estava até começando um negócio com uma amiga minha, vendendo um doce umas paradas assim daora. Só que eu percebi que isso é você estar se tornando escravo é a mesma coisa do lance do Uber de certa forma o cara que entrega as paradas para as pessoas comer e o uber é empreendedor, mas eu não vejo como isso, pra mim ele é escravo. Porque ele trabalha por hora, mas tipo assim esse cara é assim: O cara chamou e ele tem que ir trabalhar (Rudá, 16 anos, 1003 - grifos da autora).

Esse aluno, diferente de outros entrevistados, tem uma certa preocupação com a “romantização” do desemprego, essa posição vai de encontro com o que aponta Costa (2009) quando diz: “em momentos históricos cuja organização social é marcada por problemas como o desemprego, a má distribuição de renda, a desigualdade de oportunidades e a violência, investir no empreendedorismo parece ser a melhor solução” (COSTA, 2009, p.181). Assim, o aluno faz uma referência ao empreendedor que vende água e sinaliza que não quer isso para a sua vida, mesmo tendo a experiência de vender alguns doces com sua amiga. Isso é importante, tendo em vista que o aluno menciona o curso superior como perspectiva futura e o curso técnico, em análise, não influencia esse caminho, como será retratado mais adiante.

Outra questão apresentada aos entrevistados dizia respeito sobre o que eles entendiam por empreendedorismo. Essa foi a pergunta que mais gerou dúvida e que os alunos tiveram mais dificuldades para responder. Algumas respostas foram: “eu não vou saber explicar”, “não entendo nada”, “agora em mente, eu não sei dizer”. Isso está em harmonia com o que destaca Dias (2018), o termo empreendedorismo apresenta dificuldades em ser conceituado e, a partir dos estudos acerca dele, pode ser entendido como “fenômeno de empreender”. Segundo ela, o empreendedorismo acompanha a



nova fase que o capitalismo entra, a partir do final dos anos de 1970, onde administradores do Estado elaboram “novos métodos apropriados à reprodução do capital para conservar e restaurar o poder de classe” (DIAS, 2018, p.386).

O empreendedorismo foi associado pelos alunos sob dois âmbitos: inovação e empresas. Isso entra em concordância com o que Dias (2018) aborda, quando diz que o termo “entre seus vários significados pode servir para requalificar o trabalhador informal”, já em outro significado “é a noção de trabalhador ativo, que é capaz de criar inovação dentro do espaço de trabalho” (p.392).

Nesse sentido, a entrevista buscou compreender quais eram as perspectivas futuras dos alunos após a conclusão do Curso. Com base nesse quesito, muitos se mostraram aptos a serem empreendedores como “plano A”, ou seja, ser empreendedor após a formação. Outros demonstraram-se aptos a ser empreendedores como “plano B”, caso a opção de cursar uma faculdade não fosse possível, e outros se demonstraram aptos a serem empreendedores e continuarem os estudos, de maneira bastante flexível.

Dos respondentes que demonstraram interesse em ser empreendedores, alguns alegaram que gostariam, mas ainda não sabiam como, outros demonstraram estratégias, como a aluna Aruana, da turma 1002, de 17 anos, que pretende montar uma empresa para vender bolo. Quando questionada sobre como seria o empreendimento, respondeu: “Foco! Determinação do que fazer, pensar bem, se eu quero fazer isso então eu tenho que ter foco e acreditar”. Assim, é perceptível que o planejamento está mais atrelado ao discurso do que das condições necessárias para abrir um empreendimento, como espaço físico e materiais necessários.

Outras respostas dos alunos apontaram para o interesse em ser chefes de empresas multimilionárias, como o caso de Tuane, de 15 anos, da turma 1003, que diz: “me imagino uma chefe de empresa multimilionária, mandando em tudo e arrasando, indo a várias conferências e explicando o que vendo e o que quero”. À partir dessa manifestação, observa-se o quanto o discurso empreendedor está carregado de confiança e liberdade, para ser o que quiser, mas vale levar em consideração o que aborda Brown (2019) acerca de uma falsa liberdade que o neoliberalismo propaga e que, na verdade, acontece o oposto para que os sujeitos sejam governados por máximas normativas.

Dos alunos que demonstraram interesse em ser empreendedores e estudarem ao mesmo tempo, chamou a atenção a resposta de Tainá, da turma 1001, que diz: “eu fazendo curso técnico de empreendedorismo posso me aprofundar mais, eu posso é começar a fazer algumas coisas pra vender e pagar minha faculdade, isso pode me ajudar muito”. A entrevistada segue dizendo “porque eu vejo novela e eu fico me imaginando igual a Maria da Paz<sup>8</sup> vendendo bolo”. A partir de então, foi questionado como seria a sua rotina e o que ela acha que seria fundamental para o empreendimento dar certo e ela diz:

Eu tenho dúvida se eu faria faculdade de manhã ou à noite. Mas se eu fosse fazer a noite no caso eu venderia meus bolos ao longo do dia, de manhã eu saio pra vender e ai eu venho almoço e volto e depois chego e vou pra faculdade (Taina, 17 anos, 1001).

Eu acho que o fato de você dar a louca e ir pra mim já é ótimo, porque as vezes a gente quer fazer as coisas e a gente fica naquela “será que vai dar certo?” Eu acho que o fundamental para dar certo é você tirar a dúvida da sua cabeça. É você ir e ir (Taina, 17 anos, 1001).

Nas falas da aluna pode-se notar o quanto ela demonstra flexibilidade frente à sua trajetória futura, demonstrando disposição a estudar, trabalhar e adequar ao tempo necessário para dar conta de todas as responsabilidades. A flexibilidade é uma das características fundamentais do empreendedorismo, porque, segundo Dias (2018), o trabalho flexível é moldado num mundo de instabilidade, que se justifica pelas alterações constantes da necessidade do capital.

Assim, a partir dos dados coletados e das contribuições teóricas, nota-se o quanto as políticas neoliberais contribuem para a desigualdade de classes, tendo em vista o perfil dos entrevistados em questão, bem como o quanto a ideologia e o pensamento neoliberal estão impregnados nos discursos dos discentes, que perpassam nossa estrutura e se disseminam, também, na escola. Por fim, observa-se como o capitalismo se reinventa e se intensifica, principalmente diante de reformas aprovadas por governos empresariais.

---

<sup>8</sup> Personagem interpretada por Juliana Paes na novela “A dona do Pedaco”, ela vendia bolo na praia até que se tornou uma confeitadeira de sucesso.

## Considerações finais

Com base nos dados obtidos pela pesquisa, foi possível observar o quanto o Ensino Médio, levando em consideração seu histórico, é alvo de disputas das classes sociais como forma de dominação de classe. Assim, é necessário, frente a um contexto de reformas educacionais impositivas, evidenciar os movimentos de contrarreforma, como enfatiza Frigotto e Ramos (2017). Segundo esses autores, nesse cenário é importante resistir às demandas do capital em sua forma dependente no Brasil, o que se refere a não exercer na prática todas as medidas impostas pelas atribuições das reformas neoliberais. Aliado a isso, é importante defender uma escola em que os alunos construam um olhar crítico acerca da sociedade.

Dessa forma, a pesquisa contribuiu para pensar a reforma do ensino médio a partir de um estudo de caso, dando voz aos seus interlocutores, que são os jovens na faixa etária de 15 a 19 anos, que pertencem às classes baixas e são majoritariamente negros. A pesquisa apontou que a reforma foi elaborada por gestores públicos que estão desconectados ou descolados do ambiente sociocultural e, até mesmo, econômico, dos estudantes, que são o público-alvo dessas políticas educacionais.

Muitas vezes, estes gestores partem de pressupostos conservadores, de classes dominantes, que não levam em consideração a diversidade, principalmente por defenderem uma ideologia dominante, como aponta Louis Althusser (1980). Esse tipo de atitude faz com que os privilégios desses gestores se perpetuem ou, até mesmo, contribuam para o insucesso de projetos, por não considerar a realidade e a vivência do público-alvo, como é o caso do curso analisado.

Outra questão analisada foi o fato de a reforma ter sido aprovada de maneira impositiva e não democrática, sem levar em consideração os principais movimentos interessados em pensar a educação. Assim, foi possível identificar que o novo Ensino Médio, bem como seus propositores, não estão preocupados em garantir uma formação que influencie o jovem a seguir adiante em seus estudos como, por exemplo, almejar uma formação em nível superior, e sim uma formação em nível médio direcionada para a mão de obra do mercado de trabalho, sem preparar esse estudante para se tornar um

cidadão crítico e consciente de seu espaço social, com opção de escolha do que pretende realizar na sociedade.

Com a pesquisa, também, foi possível observar, a partir das falas dos discentes, juntamente com as análises realizadas que, de certa maneira, elas estão impregnadas do discurso neoliberal difundido e disseminado na escola. Pode-se dizer que ocorre uma internalização do capital humano e da subjetividade neoliberal, como apontados por Foucault (2008) e Dardot e Laval (2016).

Esse ambiente, também, foi observado no Colégio, especialmente na proposta de socialização escolar, como a divisão das carteiras e nas atividades do curso, como a feira de empreendedorismo. Nesse aspecto, vale destacar o que coloca Foucault (2008), quando diz que a partir da compreensão das formas de investimentos do capital humano é possível “ver como se orientam as políticas econômicas, as políticas sociais, as políticas culturais, as educacionais dos países” (p.319).

Além das análises sobre as internalizações, também foi identificado quais as perspectivas de futuro desses jovens. Nessa questão, observa-se como o discurso meritocrático está vinculado ao discurso empreendedor, tendo em vista que muitos pretendem ser empreendedores e acreditam que isso só depende deles. Dessa forma, ocorre o que afirma Brown (2019) acerca de uma responsabilização e uma culpabilização que os indivíduos adquirem consigo mesmo que os impede de fazer uma análise crítica sobre as responsabilidades que são do Estado.

A autora se preocupa como a lógica neoliberal afeta na organização sindical da classe trabalhadora, uma vez que as ideias de liberdade individual e dignidade humana como aponta Harvey (2008) interfere para que as classes trabalhadoras continuem em defesa de seus interesses principalmente em cenários onde o empreendedorismo e a informalidade são oferecidos como seguimento de inserção social para jovens oriundos de classes dominadas.

No tocante à implementação da reforma na prática, no contexto do Colégio, deixou várias lacunas no que tange à estrutura da escola para receber e desenvolver tal projeto. Na pesquisa foi evidenciado como isso se intensifica de acordo com o perfil socioeconômico dos alunos. Outra constatação é que o novo modelo também trouxe questionamentos relevantes no âmbito dos fatores contraditórios, pois ao mesmo tempo

são estimuladas a coletividade e a autonomia, estratégias do neoliberalismo e empreendedorismo, mas que na prática se mostra também associado a uma solidariedade entre os discentes.

Um destaque de extrema importância é sobre a necessidade de trabalhos futuros que abordem essa temática, para compreender até que ponto o presente estudo de caso se assemelha a outras realidades. O trabalho contou com algumas limitações que, também, podem ser exploradas em outros momentos, como compreender outros aspectos conflitantes relacionados aos perfis dos estudantes, como as religiões dos entrevistados, pois concomitantemente ao discurso neoliberal estava presente o discurso religioso, mas os dados coletados não foram suficientes para uma análise detalhada. Sobretudo é essencial continuar acompanhando o curso e as suas reformulações, ouvir os demais atores do campo, como professores e funcionários, a fim de obter mais dados para análises das percepções sobre este modelo de ensino, que foi analisado em seu primeiro ano de implementação.

Por fim, desenvolver essa pesquisa em um colégio estadual com características bastante semelhantes a um dos colégios que estudei foi, de certa maneira, “ser afetada” por aquele local tão familiar, a partir da minha memória discente, sentindo os conflitos e situações agradáveis e desagradáveis. Esse sentimento me fez refletir que, embora não estejamos no mesmo lugar (colégio da pesquisadora e o colégio dos estudantes entrevistados) e nem no mesmo espaço de tempo, o capitalismo e o discurso neoliberal permeiam o espaço educacional, se reinventando e reproduzindo as desigualdades. A forma como as políticas são pensadas e implementadas me fez compreender o motivo pelo qual muitos dos meus colegas de escola não conseguiram ter acesso ao Ensino Superior, tampouco ambicionar este lugar e, muito menos, a oportunidade de desenvolver pesquisas como esta.

Acredito, também, que da maneira como o capitalismo se reinventa e se intensifica, principalmente em governos ultraconservadores e autoritários, como na atual conjuntura política do país, as possibilidades de redução das desigualdades, principalmente educacionais, tornam-se ainda mais distantes e utópicas para a maioria das pessoas. Entretanto, não se deve descartar o papel exercido pelas lutas históricas em defesa de um projeto de educação alternativo em conjunturas semelhantes a essa. É

neste contexto de resistência que se insere este trabalho, em busca de uma educação transformadora.

## Referências

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3 ed. Lisboa: Presença, 1980.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Éve. **O novo espírito do capitalismo**. Tradução de Ivone Benedetti e Brasília Sallum Jr. São Paulo: Mmf Martins Fontes, 2009.

BRENNER, Ana; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Brasília, Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BROWN, Wendy. **Cidadania Sacrificial**: Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. 2018. Disponível em: <<http://www.zazie.com.br/pequena-biblioteca-de-ensaios>>. Acesso em: 19 set. 2019.

CATINI, Carolina. Educação e empreendedorismo da barbárie. In: MARIANO, Alessandro et al. **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensino. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORREA, Shirlei; GARCIA, Sandra. Novo Ensino Médio: quem conhece aprova! Aprova? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 604-622, abr./jun., 2018. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11469/7359>>. Acesso em: 13 maio 2019.

COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **Educação e Realidade**. Maio/Agosto de 2009.

DANTAS, Jéferson Silveira. O ensino médio em disputa e as implicações da BNCC para as áreas das Ciências Humanas. **Universidade e Sociedade**, Nº 6. 2018. Disponível em: <<http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub1969232834.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Chirstian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Vanessa. A “miséria” da educação: análise de um manual de “empreendedorismo” do Sebrae para professores do ensino fundamental. **Revista de Ciências Sociais Século XX**, v.8 nº1 jan/jun, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no college de France (1978-979). São Paulo: Martins Fortes, 2008.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Maria Luíza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Planta, 2004.

LIMA, Mayara. **Uma análise da construção da subjetividade neoliberal entre os discentes do colégio estadual Manoel Pereira Gonçalves**. 2019. 49p f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes/RJ, 2019.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete educação propedêutica. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrasil.com.br/educacao-propedeutica/>>. Acesso em 24 jun 2022.

NASCIMENTO, Manoel. Ensino Médio no Brasil: determinações históricas. **Publicatio UEPG Ci. Hum**, v.15, n.1, p.77-87, jun. 2007. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/594>>. Acesso em: 16. Dez. 2021.

RAMOS, Marine. FRIGOTTO, Gaudêncio. “Resistir é preciso, fazer não é preciso”: as contrarreformas do ensino médio no Brasil. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, v.19, n.46. p.26-47. jul/dez. 2017.

SANTOS, Maria Clara Pereira dos. **Uma análise da implementação do novo ensino médio integral com curso técnico em administração com ênfase em empreendedorismo em um colégio estadual em Campos dos Goytacazes/RJ**. Trabalho Final de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, 2019. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/24077>> Acesso em: 23.jun.2022.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.